

## **CAPÍTULO 7 - REPRESSÃO E VANDALIZAÇÃO À LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE INSURGÊNCIA**

**Maria Leal Pinto**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3410492611964989>

OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-0147-8917>

E-mail: [mariazozimo2016@gmail.com](mailto:mariazozimo2016@gmail.com)

**Edna Sousa Cruz**

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7094155196123489>

OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-7610-5560>

E-mail: [edna.s.cruz@uemasul.edu.com.br](mailto:edna.s.cruz@uemasul.edu.com.br)

**RESUMO:** Este estudo objetiva tecer algumas considerações acerca da censura, no espaço educacional, de obras que se inserem na categoria literatura afro-brasileira. No tocante à metodologia, trata-se de pesquisa de cunho qualitativo, com revisão bibliográfica, acerca da censura a obras de autores negros e autoras negras. Aponta-se como justificativa de recolhimento das obras **Amora** (2018), **Olhos D'água** (2014) e **O Avesso da Pele** (2020) a intolerância às diferenças fortemente disseminada pela extrema direita, em que a censura ao conhecimento é escamoteada por um falso cuidado.

**Palavras-chave:** Racismo; Censura; Literatura Afro-Brasileira.

## REPRESSION AND VANDALIZATION OF AFRO-BRAZILIAN INSUR- GENCE LITERATURE

**ABSTRACT:** This work aims to make some considerations regarding censorship of works that fall into the Afro-Brazilian literature category, in the educational space. Regarding the methodology, this is qualitative research, with a bibliographical review on the censorship of works by black authors. It is pointed out as justification for collecting the works **Amoras** (2018), **Olhos D'água** (2014) and **O Avesso da Pele** (2020) the intolerance to differences strongly disseminated by the far right, in which censorship of knowledge is hidden by false care.

**Keywords:** Racism; Censorship; Afro-Brazilian literature.

### A SOCIEDADE E O RACISMO

Ao longo do processo civilizatório, o acesso ao conhecimento, por meio da leitura, foi controlado das mais variadas formas. Como sustentam Góes e Bari (2021, p. 4), “[...] o controle sobre o que se escreve e o que se lê é tão antigo quanto à própria origem da escrita e das línguas”. Vários são os episódios históricos nos quais autoridades políticas ou eclesiásticas, imbuídas de autoritarismo, buscaram cercar tanto a publicação quanto a circulação de livros.

Tomemos como exemplo a Igreja Católica, que, na efervescência da Idade Média, exerceu controle do fluxo de informação, determinando que livros poderiam ser lidos ou quais eram proibidos ao acesso do público leitor à época. O romance **O nome da rosa**, de Umberto Eco (1983), ilustra as artimanhas da Igreja para coibir a leitura de obras rotuladas de hereges. Os religiosos recorriam ao envenenamento dos leitores desobedientes, em que pese essa ação ir contra os

preceitos da própria Igreja no que se refere à preservação da vida humana.

Na Alemanha, durante o período do nazismo, a queima de livros em praça pública foi a estratégia adotada pelos nazistas para banir qualquer material impresso que não estivesse em conformidade com os padrões do novo regime. Essa perseguição cultural nos dá indícios de que a *limpeza* que os nazistas pretendiam fazer começava pela destruição de livros e perseguição dos seus autores.

No Brasil, por sua vez, a repressão bibliográfica ganha corpo ao longo do Estado Novo e do regime militar, períodos governamentais em que a censura cultural, como informa Igreja (2021, p. 123), “[...] fazia parte da manutenção da soberania do Estado e da preservação de seus ideais”. Para Góes e Bari (2021), a cultura da censura, tão recorrente em momentos políticos já vivenciados na história do Brasil, continua a se refletir no momento presente.

Góes e Bari (2021) defendem ainda que a cultura da censura se impõe por meio de mecanismos diversificados, seja pela manutenção do analfabetismo, da desinformação ou do controle às políticas públicas. Corroboram as autoras Darnton (2016), para quem cada conjuntura histórica apresenta suas particularidades, e é atendo-se a singularidade de cada uma delas que, segundo ele, as experiências de censura cultural devem ser compreendidas.

Nesta investigação, norteados pela especificidade histórica do Brasil, nos anos de 2019 a 2022, quanto ao crescimento da extrema direita, tecemos algumas considerações acerca de iniciativas do poder público e individuais para impedir a livre circulação de livros em espaços diversos. Nossos apontamentos se direcionam para as obras: **Olhos D’água** (2014), de Conceição Evaristo; **Amoras** (2018), de Emicida;

e **O Averso da Pele** (2020), de Jeferson Tenório, a respeito da conjuntura de censura referente a elas.

Assim, este estudo objetiva tecer algumas considerações no que tange à censura, no âmbito do espaço educacional, de obras que se inserem na categoria literatura afro-brasileira. Em relação à metodologia, trata-se de pesquisa de cunho qualitativo, com revisão bibliográfica acerca da censura a obras de autores negros e autoras negras.

## **LITERATURA AFRO-BRASILEIRA SOB CENSURA**

Nas duas últimas décadas, o Brasil, a exemplo de outros países, tem vivenciado um cenário de instabilidade política e social causado pela ascensão da extrema direita à presidência. A tentativa de desmonte do Brasil, pelo presidente atuante de 2019 a 2022, de acordo com Reimão, Nery e Maués (2022), deu indícios de que sua intenção seria fazer o Brasil retroceder ao período da ditadura militar (1964-1985), a partir de um projeto de censura envolvendo as manifestações culturais, dentre as quais temos o livro.

Esse projeto de consolidação de liderança política, ao tomar forma por meio da disseminação de um discurso de intolerância e ódio (Reimão; Nery; Maués, 2022), resultou na criminalização de movimentos sociais, além do crescimento, em larga escala, do racismo e da intolerância religiosa e cultural. Nesse sentido, o combate a essas pautas colocou a literatura afro-brasileira na mira de uma *guerra cultural* regida pelo autoritarismo como forma de controle do conhecimento.

Uma das características dos regimes autoritários, de acordo com Igreja (2021), reside na censura a livros e outras modalidades de material impresso, como manobra para fa-

zer recuarem os avanços dos pensamentos adversários, julgados como ameaça para a sua permanência no poder. Isso é perceptível nas manobras das quais se valem filiados da extrema direita, inflamados por teorias de conspiração, para impedir a circulação de livros nas escolas públicas.

O impedimento da liberdade de expressão tem se manifestado até mesmo em eventos literários de grande circulação, como bienais de livro. Na edição de 2019 da Bienal do Livro do Rio de Janeiro, o então prefeito Marcelo Crivella ordenou o recolhimento da história em quadrinhos **Vingadores: a cruzada das crianças** (2012), de autoria de Allan Heinberg e Jim Cheung, por conter, em seu dizer, “conteúdo sexual para menores” (Reimão; Nery; Maués, 2022, p. 10).

Na esfera escolar, em 2023, o livro de literatura infantil **Amoras** (2018), do rapper Emicida, indicado para o projeto Ciranda Literária em uma escola de Salvador, foi alvo de intolerância religiosa (Melo, 2023). A obra tem como protagonista uma menina negra que está aprendendo a conhecer e se reconhecer no mundo. No livro, essa compreensão passa pelo conhecimento da luta do povo negro e das diferentes culturas e religiões de matriz africanas.

A violenta prática discriminatória e o visível ódio pelas religiões de matriz africana, tradições e cultura afro-brasileiras fazem-se notar nas anotações feitas na obra, pela mãe de um aluno, com severas críticas às religiões de matrizes africanas (Melo, 2023). O ataque à obra apresenta-se como desvalorização à História e cultura afro-brasileira. Além disso, as mensagens de cunho preconceituoso e racista endereçadas ao autor e a sua obra enquadram as atitudes da agressora como racismo religioso.

A censura também alcançou **Olhos D’água** (2014), de Conceição Evaristo. A obra indicada para alunos do Ensi-

no Médio de uma escola particular, também de Salvador, foi censurada por familiares de alunos, sob a alegação de que a linguagem utilizada pela autora era inapropriada para a faixa etária do público juvenil (Cruz, 2021). A censura também se estendeu à professora que indicou a obra, a qual teve o seu espaço de fala silenciado.

**Olhos D'água** narrativiza a condição de vulnerabilidade social das mulheres negras expostas a toda forma de violência, miséria e exclusão. Ao desnudar as vivências de mulheres negras, a obra traz para a superfície as injustiças e desigualdades sociais de um passado que continua vivo no presente.

Mais recentemente, a obra **O Avesso da Pele** (2020), de Jeferson Tenório, foi vítima do que convencionamos chamar de preconceito literário. A obra foi indicada ao público do Ensino Médio, pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), com a recomendação de que fossem discutidos, em sala de aula, temas abordados na obra, como racismo, violência policial e fetichização dos corpos negros (Guimarães, 2021), pautas caras para a população negra.

A polêmica teve início com a alegação, por parte de uma gestora escolar, de que vocabulário, por ela considerado de baixo nível, e cenas de atos sexuais tornariam o romance inapropriado para menores de dezoito anos (Colli, 2024). A interpretação equivocada de apenas uma pessoa foi o suficiente para que três estados da federação decretassem o recolhimento do livro nas escolas dos seus estados.

A censura às obras de Emicida, Evaristo e Tenório sinalizam haver, por parte da extrema direita, um medo histórico em relação às temáticas debatidas pela literatura afro-brasileira. Cada um dos autores citados fala da sua sociedade e do seu tempo, tendo como objeto de experiência

literária a sua realidade.

## **OBRAS CENSURADAS: OS AUTORES E A AUTORA**

Nos últimos tempos, deparamo-nos com uma revolução tecida, segundo Silva (2022), pela movimentação no interior do campo literário. De acordo com o autor, há um reposicionamento dos autores negros e autoras negras que evidencia que os *dominados*, no momento atual, ocupam um lugar de destaque que outrora lhes era negado. Essa ocupação é demarcada por uma narrativa de (re)construção da identidade negra e de ruptura com as marcas da colonização.

É voz corrente que as artes e as literaturas são fundamentais na revolução do pensamento das sociedades. Pela sua característica humanizadora, ela, no entender do sociólogo e crítico literário Antonio Candido, deveria ser um direito básico de todo ser humano (2004). Não obstante a importância da literatura na formação do ser humano, episódios recorrentes de censura cultural envoltos em um projeto de poder têm se empenhado em emudecer vozes negras que, por meio de seus escritos, testemunham e denunciam mazelas sociais.

Vítimas de um silenciamento histórico, ainda que haja uma movimentação para negar aos escritores negros e escritoras negras lugar de fala, como observa Barreto (2022), na atualidade, a produção literária produzida por esses sujeitos tem ganhado visibilidade no mercado editorial brasileiro. Para ele, as temáticas problematizadas nas obras de autores negros e autoras negras, como a discriminação, o racismo e a violência de todo gênero, têm contribuído para uma melhor compreensão de como essas questões afetam a população negra.

Na perspectiva de presentificar o passado de lutas dos negros nos dias atuais é que a literatura afro-brasileira surge para romper com os silenciamentos historicamente impostos, atuando como instrumento de fortalecimento da autoestima negra. E nessa esteira de fazer um resgate da história dos africanos escravizados, rememorando as lutas do povo negro para que elas não sejam esquecidas ou apagadas da história nacional, é que se inserem as escrituras de Conceição Evaristo, Emicida e Jeferson Tenório.

Nascida em Minas Gerais, Conceição Evaristo é formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Literatura Comparada. Participante ativa das iniciativas de valorização da cultura negra no Brasil, além de professora, é escritora premiada, com destaque para o Prêmio Jabuti (2015 e 2019). Atualmente, ocupa a cadeira de número 40 da Academia Mineira de Letras.

O teor dos debates das obras de Evaristo tensiona a violência contra a mulher negra, a fetichização dos corpos negros, a mortalidade de crianças e adolescentes negros, vítimas do crime organizado e da polícia, e a exploração do trabalho doméstico. Sua escritura fortalece o pensamento de que a literatura afro-brasileira tem sido cada vez mais importante na seara das discussões sobre racismo, desigualdade social, preconceito e demandas históricas do povo negro.

Leandro Roque de Oliveira, conhecido como Emicida na arte do *hip hop*, nasceu na Zona Norte de São Paulo, onde vive e exerce sua arte. Durante sua infância, enfrentou obstáculos comuns à maioria dos jovens negros no país, como a vulnerabilidade social e a urgência de trabalhar muito cedo aos sete anos de idade, por questão de sobrevivência.

Apesar do seu histórico de sujeito à margem social, Emicida construiu uma trajetória que pode ser considerada

um experimento social, posto que não restringiu a sua arte apenas ao âmbito musical. Unindo arte e militância, ele tensiona questões como o preconceito e as desigualdades sociais nas músicas que compõe e nas obras que produz.

No campo literário, Emicida é autor do livro infantil **Amoras** (2018). A obra é baseada no diálogo entre pai e filha, versando sobre a autoafirmação da negritude e a cosmovisão ancestral dos orixás na constituição da história do povo negro, no Brasil. **Amoras**, em que pese sua importância para instrumentalizar a criança negra a respeito de sua identidade ancestral, foi alvo de intolerância religiosa.

A censura a **Amoras** teria sido alimentada pelo discurso hegemônico cristão como fonte única de verdade para desqualificar as religiões de matriz africana. Para Nogueira (2020), na essência da ideia de intolerância religiosa, residem formas perversas de julgamento e a necessidade de estigmatização da religião do outro, com base num discurso segregacionista que *aparta* os considerados anormais do grupo tido como *normal*.

Jeferson Tenório, por sua vez, nasceu no estado do Rio de Janeiro, mas reside e trabalha no Rio Grande do Sul. Primeiro aluno cotista negro a se formar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Tenório é educador, pesquisador e romancista brasileiro premiado, com obras de destaque no cenário da literatura afro-brasileira insurgente.

A trajetória educacional de Tenório, conforme ele narra à revista **Gama**, foi permeada de percalços advindos de sua condição social e origem étnica. Primeiro da família a ter curso superior, vivenciou, na pele, o abismo social no espaço universitário, como ele mesmo afirma, ao se deparar com alunos de patamar econômico mais elevado, que tinham um repertório cultural mais desenvolvido e condições favo-

ráveis para permanecer no curso (Tenório, 2022).

Por conseguinte, o autor conseguiu emprego em uma escola particular e firmou-se como um dos expoentes da literatura brasileira na contemporaneidade (Tenório, 2022). Assim, a quebra da barreira imposta às pessoas negras periféricas que Tenório conseguiu empreender, ao adentrar na universidade, seguiu-se da desmitificação da capacidade intelectual de alunos cotistas negros.

As obras de Jeferson Tenório abordam questões sociais e do cotidiano de jovens periféricos, assim como os dilemas de uma sociedade extremamente desigual e repressora. Em especial, debate as questões raciais e os desafios enfrentados por crianças e jovens negros num cenário econômico e social desigual, cujas estruturas oprimem física, mental e emocionalmente esses sujeitos que vagueiam na existência, buscando compreender e ressignificar suas dores e ausências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A censura à literatura sempre esteve presente em momentos da história do Brasil e sempre foi posta em prática por aqueles que não desejam discutir questões como: o racismo, a LGBTQIfobia, o machismo e tantos outros traços da sociedade colonial que teimam em persistir no Brasil. Os ataques que a literatura afro-brasileira vem sofrendo, nos últimos anos, apresentam-se investidos por discursos moralistas e religiosos que encobrem as relações de poder transvestidas de falso cuidado com a linguagem apropriada aos jovens.

Por detrás desse aparato da defesa da moral e dos bons costumes, ao que parece, há um movimento que agiria

no sentido de silenciar, mais uma vez, as vozes insurgentes da literatura afro-brasileira. As iniciativas de controle de circulação do conhecimento e manipulação do pensamento resultam em perdas irreparáveis. Elas negam ao leitor o direito de ampliar seus horizontes, de ter contato com realidades diversas, de conhecer autores cujas escrituras ensejam (re) existência, resistência, testemunho e esperança.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, C. C. M. Racismo e violência policial em “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 22, p. 61-78, 2022.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 169-191.

COLLI, I. A censura ao livro O avesso da pele. **Correio Brasiliense**, Opinião, [Brasília], 11 mar. 2024.

CRUZ, M. M. Livro vetado: professora é afastada por indicar obra de Conceição Evaristo. **Estado de Minas**, Diversidade, [Belo Horizonte], 22 nov. 2021.

DARNTON, R. **Censores em ação**: como os estados influenciaram a literatura. Trad. R. Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ECO, U. **O nome da rosa**. Trad. A. F. Bernardini; H. F. Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

EVARISTO, C. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

GÓES, P. S.; BARI, V. A leitura é um perigo para quem? Censura no período da ditadura militar e seus reflexos na atualidade. **Biblionline**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 3-17, 2021.

GUIMARÃES, E. D. F. **Material digital do professor – O avesso da pele**. Vitória: Logos, 2021.

IGREJA, P. R. Censura, uma biografia: a proibição de livros no Brasil. **Ensaio Geral**, Niterói, n. 1, p. 119-143, 2021.

MELO, M. Livro infantil do rapper Emicida é vandalizado por mãe de aluno com críticas às religiões de matriz africana. **G1**: Bahia, [Salvador], 7 mar. 2023.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. (Feminismos Plurais).

REIMÃO, S.; NERY, J. E.; MAUÉS, F. Tentativas de censura a livros nos primeiros dois anos do governo Bolsonaro 2019-2020. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 40, p. 5-18, jul./dez. 2022.

SILVA, J. M. Lugar de fala em romances brasileiros. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, v. 24, n. 45, p. 31-39, jan./abr. 2022.

TENÓRIO, J. Jeferson Tenório: 'Sem cotas eu não teria a carreira que tenho'. [Depoimento cedido a A. Arrais]. **Gama**,

[São Paulo], 31 out. 2022.

TENÓRIO, J. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

